

PRIMEIRO DOMINGO NA QUARESMA

18 DE FEVEREIRO DE 2024

GÊNESIS 22.1-18

I. O Texto no Ano Eclesiástico

O Evangelho do primeiro Domingo na Quaresma traz o relato da tentação de Jesus. As leituras do Antigo Testamento e da Epístola também abordam o tema da tentação, porém focalizando o que acontece com filhos de Deus quando estes são tentados. Neste período do ano eclesialístico a igreja é convidada a refletir a cada domingo sobre a trajetória do Senhor Jesus que culmina na sua crucificação e ressurreição. A sua tentação, que aconteceu logo após o batismo, inicia sua caminhada para a cruz. E já aqui, Jesus ao ser tentado estabelece, por meio da sua vitória sobre o diabo, a segurança que os cristãos têm quando são tentados.

O Salmo do dia, Sl 25.1-10, traz a súplica de Davi, confiando em Deus, para que ele o guie na verdade, não lembrando dos seus pecados, mas agindo com misericórdia. Diante das tentações que nos sobreveem, precisamos da misericórdia de Deus, para que não sejamos envergonhados (vv. 2,3), sejamos guiados por Deus e ensinados no seu caminho (v. 5). A Epístola do dia (Tg 1.12-18) nos lembra que tentações existem, fruto de nossa própria carne pecaminosa, mas que podemos esperar de Deus todo o bem, pois ele “nos gerou pela palavra da verdade” (v. 18), uma bela lembrança do batismo, em que fomos acolhidos como filhos do Pai celeste. No Evangelho do dia (Mc 1.9-15) encontra-se na sua forma mais resumida – comparado com os relatos de Mateus e Lucas - a tentação de Jesus, antecedida pelo seu batismo e seguida pelo início da sua pregação. Chama a atenção que o primeiro ato oficial da trajetória messiânica de Jesus é sua tentação. Tiago nos lembra na Epístola que Deus não tenta a ninguém e o Evangelho nos mostra que o Espírito Santo levou Jesus para ser tentado, e aí começa sua caminhada rumo à cruz. Desde já Jesus mostra que veio para tomar as nossas dores, ser tentado em nosso favor, a fim de que nós, firmados nele, não sejamos derrotados em nossas tentações.

II. O Contexto de Gn 22

Nos capítulos que antecedem o texto, notamos que Abraão é um homem ricamente abençoado por Deus, materialmente, pela proteção que Deus lhe dá, pela comunhão que Abraão tem com o próprio Deus e pela bênção concreta do filho que veio contra todas as expectativas humanas (ver Hb 11.8-12). O texto em estudo estabelece uma parada nesta jornada feliz. Por outro lado, o autor aos Hebreus lembra que a atitude de Abraão na sua prova merece ser lembrada como ato de fé naquele que é “poderoso para ressuscitar Isaque dentre os mortos” (Hb 11.17-19).

Abraão é apresentado como “amigo de Deus” (Tg 2.24) e “pai de todos nós” (Rm 4.16), mas ele o é não por causa de méritos seus, mas por causa da promessa de Deus, que o sustentou, promessa reiterada nos versículos 16-18 de Gênesis 22. (Horace D. Hummel, *Concordia Journal* Janeiro 1991: 67,68). Abraão creu na promessa e isto fez toda a diferença na sua vida. Pois ao crer no que Deus prometeu, Abraão confessou que em si mesmo não havia os recursos para uma vida abençoada; crer na promessa significou confessar sua dependência de Deus. Afinal, a fé tem valor não por si só, mas por aquilo no qual ela se apega, ou seja, as promessas de Deus, particularmente as promessas de salvação por meio do seu Filho Jesus. Ainda é importante lembrar que a fé que confia nas promessas de Deus sempre é dádiva (Ef 2.8,9), também no caso de Abraão.

III. Destaques sobre o texto

A palavra-chave em toda a perícopé é o verbo נסו no versículo 1. Poderia ser traduzida como “tentar” ou como “testar”. Por certo “Deus mesmo não tenta a ninguém” (Tg 1.13), para levar a pessoa ao erro. No entanto, provações acpontecem na vida dos filhos de Deus, mas Ele mesmo promete “prover” (Gn 22.8,14) livramento para que sejam sustentados e não caiam (1 Co 10.13).

No Comentário a Gênesis (*Obras Seleccionadas*, 12: 492) Lutero comenta: “Quem superou uma provação dessa maneira, torna-se mais convicto do auxílio de Deus e pode dizer: ‘Isso é

uma prova segura de que Deus me ajudou, porque eu não teria sido capaz de fazê-lo com a minha própria força’.”

“O SENHOR proverá” - a expressão ocorre três vezes: no v. 8, na resposta de Abraão a Isaque sobre onde estaria o cordeiro para o holocausto; no v. 14 (duas vezes), como o nome que Abraão deu àquele lugar. Parece haver um jogo de palavras com o verbo $\text{ראה} = \text{ver}$. Nas duas primeiras ocasiões o verbo está conjugado no Imperfeito do Kal, significando “ver”. Uma tradução possível ainda é “prover” – pode-se notar algo semelhante em nossa maneira de falar: “Verei (providenciarei) isto para você!”.

No final do versículo 14, o verbo aparece conjugado no Imperfeito do Nifal, com o significado de “revelar-se”. “Deus ‘vê’ a necessidade dos adoradores fiéis e então ‘revela-se’ em um substituto, em resposta à oração, especialmente a mais fundamental de todas.” (Horace Hummel) Deus se revela e, desta forma, ele “é visto”.

É significativo que a Septuaginta assim traduziu esta forma: Κύριος ὤφθη (literalmente: o SENHOR apareceu/foi visto). O fato é que Deus “aparece”, por assim dizer, naquilo que Ele realiza segundo as suas promessas. Deus se utiliza de meios – neste caso, o carneiro – para manifestar sua graça para com o pecador. Assim o fez com Abraão, entregando o carneiro em lugar de Isaque. Deus é assim “visto” (revelado) por sua misericórdia, concretizada no sacrifício que, em última análise, não foi um presente de Abraão para Deus, mas exatamente o inverso: Deus presenteou Abraão com o carneiro, para que Isaque não fosse morto e a promessa da salvação dos povos continuasse valendo (Gn 12.3; 17.19; 22.18).

A situação descrita por Gn 22 traz evidentes paralelos com a obra de Cristo: o local, o monte Moriá, é aquele onde o templo de Jerusalém seria construído (2 Cr 3.1), como o local da manifestação (revelação) de Deus ao Seu povo; Jesus é o novo e perfeito Templo; Ele é a presença (revelação) de Deus junto ao povo (Jo 1.18; 2.19-21; Ap 21.22); e bem perto daquele local, no Calvário, Deus fez o sacrifício do Seu Filho - Deus providenciou o Substituto, que sacrificou-se em favor de toda a humanidade.

Sugestão de estudo adicional: Catecismo Maior de Lutero - Pai Nosso, 6ª petição.

IV. Reflexão homilética

A prova à qual Abraão foi submetido não pode ser minimizada. Podemos observá-la do ponto de vista dos sentimentos de Abraão – o que pode ser mais doloroso e frustrante estar diante da obrigação de entregar, de uma maneira violenta, o que tinha como presente mais precioso que Deus lhe havia dado. Isaque era o filho tão esperado, vindo como fruto da promessa que Deus lhe havia dado. Mas há um outro aspecto que também deve ser considerado, não apenas dos sentimentos de Abraão, mas de sua fé.

Um dilema tão doloroso na vida de um crente não parece ser o que se esperaria de uma “vida vitoriosa”. Mas se olharmos com cuidado, não é apenas Abraão que enfrenta situações em sua vida de fé, em que parece não haver solução à vista. Até onde podemos observar no texto bíblico da história de Jó, ele nunca soube o motivo pelo qual passou pelas suas grandes aflições. O apóstolo Paulo pediu insistentemente pelo livramento do espinho na carne, mas, além de não ter este livramento, nem mesmo recebeu uma explicação para ele, só a palavra “A minha graça é o que basta para você, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Co 12.9). Em outras palavras, diz Deus para o apóstolo, eu sei o que é melhor para ti!

Cristãos também hoje enfrentam situações em que parece não haver uma solução. E se entendemos por solução ter todo o problema resolvido, ter uma clara explicação de toda a situação, e o pleno contentamento para nosso intelecto, bem, então temos de dizer que este tipo de “solução” pode não acontecer.

Helmuth Thielicke (*Theological Ethics*, vol. 1: Foundations, Grand Rapids, Eerdmans, 1979) expõe de maneira muito própria o dilema que Abraão teve de enfrentar. Diz Thielicke: “A exigência de Deus de que Abraão sacrifique seu filho não é apenas um teste de fé no sentido de que a ordem de Deus deve ter precedência sobre o afeto paterno. É um teste de fé em um sentido muito mais radical, pois a *vontade* de Deus (a ordem de sacrificar) entra em conflito com a *promessa* de Deus (de uma descendência numerosa). A fé de Abraão é demonstrada pelo fato de que ele deixa nas mãos de Deus a resolução do conflito - mesmo que seja por meio de um milagre (Mt 3.9) - e pelo fato de que ele mesmo afirma tanto a ordem quanto a promessa.” (p. 274)

Thielicke faz um raciocínio semelhante ao que Lutero havia feito em suas preleções a Gênesis: “Esses acontecimentos foram registrados para nosso consolo, a fim de que aprendamos a confiar nas promessas que recebemos. Eu sou batizado. Por isso, devo

considerar como certo que fui transferido do reino de Satanás para o Reino de Deus. ... Onde quer que experimentemos algo que seja contrário a uma promessa, devemos ter certeza de que, quando Deus se mostra diferente do que afirma a promessa, isso não passa de mera tentação. Por isso não devemos deixar que o bastão da promessa seja arrancado das nossas mãos. ... A tentação de Abraão [é] uma contradição à promessa. Por isso, sua fé brilha aqui de forma extraordinária, porque ele obedece a Deus com um coração tão disposto quando Deus lhe dá uma ordem. Embora Isaque devesse ser sacrificado, [o pai] de forma alguma duvida que a promessa seja cumprida, mesmo que ignore de como isso deverá acontecer.

Ainda que trema e esteja apavorado, o que mais o pai poderia fazer? Ele se atém à promessa de que algum dia Isaque terá descendentes.” (*Obras Seleccionadas*, 12:468)) Assim, Abraão parecia ter de escolher entre a promessa e a ordem direta de Deus. Mas preferiu ficar com as duas. O autor aos Hebreus entendeu o que se passou com Abraão quando lhe foi pedido seu filho Isaque em sacrifício: “Pela fé Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque ... porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou.” (Hb 11.17,19). Apegou-se à palavra que tinha diante de si e pela fé confiou que Deus iria dar um jeito naquela situação. É verdade que nem sempre os filhos de Deus, diante de situações angustiosas na vida, encontram uma solução para algum problema específico; mas uma coisa é certa – o mesmo Senhor que providenciou o carneiro em lugar de Isaque é aquele que providenciou a salvação definitiva para cada pecador, por meio do sacrifício do seu santo Filho Jesus. Nisto cremos e, em vindo a tentação, firmamo-nos no nosso amado Salvador, em quem não há engano.

Professor Gerson Luis Linden
São Leopoldo, RS